



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Leon Trotsky: historiador da Revolução Russa

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2.34567>

Reginaldo Benedito Dias

Professor do Dep. de História da Universidade Estadual de Maringá.. E-mail: reginaldodias13@gmail.com

Palavras-chave:

Revolução Russa; Leon Trotsky; União Soviética.

Keywords:

Russian Revolution; Leon Trotsky; Soviet Union..

Palabras Clave:

Revolución Rusa; León Trotsky; Unión Soviética

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a interpretação que Leon Trotsky produziu sobre a Revolução Russa. Abarcando desde o período pré-revolucionário até a fase de liderança de Stalin, as fontes são as obras de Trotsky relacionadas ao tema. Investiga-se a hipótese de que existe uma unidade fundamental na interpretação de Trotsky, assegurada por duas coordenadas. Primeira, o fio condutor da interpretação é a teoria da revolução permanente. Segunda, Outubro de 1917 é o centro de gravidade, na medida em que teria confirmado os pressupostos da teoria da revolução permanente, anunciados em 1905 e traídos pelos acontecimentos do período subsequente.

Abstract

Leon Trotsky: the historian of the Russian Revolution

Current paper analyzes Leon Trotsky's interpretation on the Russian Revolution. Sources comprise Trotsky's works related to the theme, ranging between the pre-revolutionary period and Stalin's leadership period. A hypothesis may be forwarded whether there is a basic unity in Trotsky's interpretation foregrounded on two axes: (1) an underlying interpretation consists of a theory on permanent revolution; (2) October 1917 is the center of gravity in so far as it confirms the presuppositions of the theory of permanent revolution announced in 1905 and disrupted by events in the following period.

Resumen

León Trotsky: historiador de la Revolución Rusa

Este artículo tiene por objetivo analizar la interpretación de León Trotsky sobre la Revolución Rusa. El texto, que abarca desde el período pre revolucionario hasta la etapa del liderazgo de Stalin, utiliza como fuentes a las obras de Trotsky vinculadas al tema. Se investiga la hipótesis de que existe una unidad fundamental en la interpretación de Trotsky, sobre la base de dos coordenadas. La primera se refiere al hilo conductor de la interpretación que es la teoría de la revolución permanente. La segunda es que Octubre de 1917 es el centro de gravedad en la medida en que habría confirmado los presupuestos de la teoría de la revolución permanente, anunciados en 1905 y traicionados por los acontecimientos del período subsiguiente.

Preâmbulo

O presente artigo tem o objetivo de investigar as interpretações que Leon Trotsky produziu sobre a Revolução Soviética, considerada a diversidade de obras que escreveu a respeito, observando sua condição de protagonista, de teórico e de historiador do processo revolucionário. Pretende-se analisar os elementos constituintes dessa interpretação no contexto da disputa pela condução política da revolução e pela construção de uma memória da experiência revolucionária.

As fontes são as obras de Leon Trotsky diretamente relacionadas ao tema. A análise leva em consideração a natureza heterogênea dos gêneros literários presentes nas obras selecionadas, que abarcam livros de história, autobiografia, ensaios de interpretação e textos de enfrentamento político direto. Procura-se demonstrar que existe uma unidade fundamental na condução da interpretação de Trotsky, apesar da diversidade de gêneros e das diferentes conjunturas focalizadas.

A unidade da análise é assegurada por duas coordenadas. A primeira é o fio condutor da interpretação, baseado na teoria da revolução permanente. A segunda é o estabelecimento de Outubro de 1917 como centro de gravidade, na medida em que teria confirmado os pressupostos da teoria da revolução permanente, anunciados em 1905 e traídos pelos acontecimentos do período subsequente à ascensão de Stalin ao poder.

Em detalhamento, cumpre esclarecer que os materiais selecionados e analisados foram os seguintes livros de Leon Trotsky: “A Revolução de 1905”, “Balanços e perspectivas”, “A Revolução de Outubro”, “Lições de Outubro”, “Minha vida”, “A história da Revolução Russa”, “A revolução desfigurada” e “A revolução traída”.

Quando se fala em Trotsky como

historiador, a principal referência é o livro “A história da Revolução Russa”.¹ Entre todos os títulos selecionados, foi aquele em que o autor buscou, deliberadamente, empregar procedimentos de historiador. De qualquer forma, os demais revelam a composição e a evolução de sua visão sobre o processo revolucionário russo, antes e depois de outubro de 1917.

Perseguir tais objetivos e aferir a pertinência das premissas exigiu não apenas a revisão dos materiais selecionados, escritos por Leon Trotsky, como também o diálogo com a bibliografia disponível a respeito de suas incursões na escrita da história.

A formação do campo historiográfico

Podemos escrever a história da Revolução Russa? Essa pergunta serve de título a um ensaio que o historiador Eric Hobsbawm escreveu na década de 1990. A indagação poderia até parecer insólita, tão ampla era a bibliografia já existente sobre a revolução soviética, mas o autor explicou o sentido da provocação. Com efeito, salientou que, mesmo com o fim da União Soviética, quando os historiadores seriam obrigados a ver a revolução como os biógrafos de pessoas mortas, ainda demoraria muito tempo para que as paixões esfriassem. Diante de uma história tão repleta de disputas, adicionou: “as mais complexas (...) questões residem fora do alcance habitual da prova e refutação, porque dizem respeito ao que poderia ter acontecido. Os debates mais acalorados sobre a história russa do século XX não giram em torno do que aconteceu, mas do que poderia ter acontecido” (HOBSBAWM, 1998, p. 257).

Se a questão apresentada por Hobsbawm era pertinente no final do século XX, que dizer da década de 1930, quando Trotsky elaborou suas principais obras? Ele disputava, então, a memória da revolução e projetos sobre seus

¹ Esclareça-se que o livro “A história da Revolução Russa”, eventualmente, será referido como HRR.

desdobramentos. De forma mais abrangente, seja do interior da revolução, por intermédio de correntes adversárias do bolchevismo ou de dissidentes bolcheviques, seja no leito internacional do marxismo, havia uma amplitude de avaliações e definições sobre o regime que então se consolidava na URSS (SALVADORI, 1986; FERNANDES, 2000). Tudo isso incidia no que poderia ser chamado, nas condições da época, de produção historiográfica.

A farta produção de Trotsky demonstra que ele, com seus objetivos e métodos, respondeu afirmativamente: “Sim, podemos escrever uma história da Revolução Russa”. É preciso entender, entretanto, não apenas as circunstâncias políticas e pessoais que o envolviam, mas até mesmo o estado da produção historiográfica sobre uma revolução tão recente. No início da década de 1930, quando Trotsky promoveu suas incursões mais ambiciosas, estava em formação o campo historiográfico a respeito da Revolução de Outubro.

O pesquisador brasileiro Ângelo Segrillo, nos debates estimulados pela efeméride do nonagésimo aniversário da Revolução de Outubro de 1917, sistematizou um didático balanço sobre a evolução dessa historiografia, cujas balizas são úteis para o debate aqui proposto.

O advento da revolução soviética ensejou uma série de obras de caráter jornalístico e memorialístico. Destacam-se incursões de emblemáticos personagens do conflito, como Alexander Kerenski, líder do último governo provisório, Pavel Miliukov, historiador de ofício e líder do partido constitucionalista democrático (conhecido na literatura como partido cadete), general Wrangel e almirante Denikin, chefes militares das forças “brancas” durante a guerra civil ocorrida logo depois da Revolução de Outubro.

Essa produção, inferiu Segrillo (2010), tinha forte marca partidária. Os brancos

atacavam os vermelhos, acusando-os de destruidores das tradições russas. Miliukov atacava os socialistas moderados, como Kerenski, que teriam aberto caminho aos vermelhos. Kerenski criticava a direita moderada que não o teria apoiado, fortalecendo os bolcheviques em seu caminho ao poder.

Por seu turno, os bolcheviques iniciaram, muito cedo, a disputa dessa memória revolucionária. Enquanto comandava as negociações de paz com a Alemanha, Trotsky produziu seu primeiro relato dos acontecimentos de 1917, com o objetivo de fazer propaganda revolucionária sob a ótica do partido bolchevique. O Instituto Histórico do partido não tardou a fomentar sua própria produção. Em razão da magnitude dos eventos históricos e da necessidade de disputa simbólica, nascia a escola soviética. No dizer de Segrillo, consideradas as características citadas, emergia o que poderia ser chamado de produção de história imediata, de cujo leito constavam intervenções de intelectuais sofisticados, como Miliukov e Trotsky, capazes de incorporar, cada qual em sua perspectiva, análises teóricas aprofundadas.

As muitas mudanças ocorridas na URSS na década de 1920 e no início da seguinte ensejaram debates sobre os fatos históricos e seu sentido. Merecem alusão os seguintes fatos: adoção da Nova Política Econômica no início da década de 1920, a morte de Lênin, a luta política por sua sucessão, a coletivização a partir do final daquela década, a ascensão da liderança de Stalin e a queda e exílio de Trotsky. Não bastasse outro motivo, havia o ineditismo da experiência da revolução socialista.

Embora ainda proliferasse bibliografia produzida por jornalistas, viajantes e diplomatas, de acordo com a clivagem de Segrillo, a década de 1930 legou trabalhos importantes para a constituição de um campo historiográfico sobre a Revolução Russa. Exemplo é o livro *The Russian Revolution*, escrito por William Henry Chamberlain, correspondente de jornalismo.

Outro é o livro *The end of the russian empire. The fall of the russian monarchy*, de autoria de Michael T. Florinsky, emigrado russo e professor da Universidade da Colúmbia. Seja como for, o pesquisador aponta os limites desse campo em formação (SEGRILLO, 2010, p. 71):

O fato das duas histórias mais famosas e profundas da revolução russa até os anos 1930 (provavelmente a História da Revolução Russa de Trotsky e a obra de Chamberlain) não terem sido escritas por historiadores profissionais é sintomático das dificuldades (desconfianças e cuidados) que estes têm com os acontecimentos muito recentes. Isto abre espaço para as contribuições (de diversos graus de profundidade) de autores provindos de outras áreas.

Entre os estudiosos acadêmicos e comentaristas, aceita-se que as duas principais incursões de Trotsky na literatura historiográfica da revolução soviética são a sua autobiografia e “A história da Revolução Russa”, escritas na ilha de Prinkipo. A primeira foi editada em 1929 e a segunda, em três volumes, entre 1931 e 1933.

Não havia, então, uma historiografia acadêmica consolidada sobre a revolução soviética. Como tendência principal, naquele período, os historiadores profissionais mantinham reservas para investigar uma história que se confundisse com seu próprio tempo. Da mesma forma, não havia um campo historiográfico propriamente marxista, embora houvesse notáveis incursões anteriores. As primeiras foram de Marx e Engels, exemplificadas por livros como “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” e “As guerras camponesas na Alemanha”. O professor Alvaro Bianchi (2007) também elenca exemplos de outros precursores: August Bebel (questão da mulher), Karl Kautsky (origens do cristianismo) e Franz Mehring (História da Alemanha).

Não se tratava, evidentemente, de produção acadêmica. Foi na época em que Trotsky produzia suas obras mais densas sobre a

história da revolução que se formava o fenômeno conhecido como “marxismo ocidental”, cujas características foram interpretadas por Perry Anderson. A partir da década de 1920, havia ocorrido um deslocamento no pensamento marxista, inferiu Anderson. Diferentemente do marxismo clássico, produzido na luta de classes, o marxismo europeu assumiu progressivamente uma feição acadêmica (ANDERSON, 1989, p. 75).

Trotsky, contudo, era remanescente de uma geração de marxistas que se caracterizava por produzir teoricamente no seio e no contexto do movimento revolucionário. Teoria e prática revolucionárias caminhavam juntas. Elaborado fora da luta de classes, o marxismo ocidental era, na visão de Anderson, produto de uma conjuntura de derrota da revolução. Em contraste, pode-se dizer que a obra historiográfica de Trotsky, embora escrita em conjuntura de derrota de sua perspectiva na disputa pela hegemonia do processo da revolução soviética, caracterizava-se como um instrumento de luta política. Tinha o objetivo de defender a Revolução de Outubro e a estratégia política que orientara Trotsky em 1917 e que ele ainda sustentava para o porvir do processo revolucionário. Sua escrita sobre a história era inseparável da perspectiva da práxis.

O campo de disputa soviético

Leon Trotsky foi, ao mesmo tempo, protagonista, teórico e historiador da Revolução Russa. A rigor, o principal do que escreveu relacionava-se com o advento, com o curso e com os desdobramentos da revolução na Rússia e no mundo. Em certo sentido, conquanto outros personagens não tenham produzido uma obra tão diversificada e densa quanto Trotsky, esse fenômeno complexo se verifica também no interior do partido bolchevique, marcado por lutas intestinas pelo poder e pela orientação dos rumos da revolução. Como anotou Wolfe,

cada um dos líderes do Partido Comunista da União Soviética, a seu turno, e cada um dos aspirantes a tal liderança tem sido, forçosamente, uma espécie de historiador. Foi Lenine quem deu o exemplo de atrelar Clio ao carro toda vez que modificava sua tática, entrava em luta com seu próprio movimento ou com o movimento revolucionário russo em geral (WOLFE, 1965, p. 42).

Enquanto Lenin esteve à frente do Estado soviético, as disputas sobre a história da revolução dirigiam-se ao papel dos demais partidos, derrotados em outubro de 1917 e no curso dos acontecimentos subsequentes. Entretanto, antes mesmo da morte de Lénin, no período de sua convalescença, a situação se alterou:

O ano de 1923 constituiu um marco divisor na historiografia do Partido, pois nesse ano Zinoviev fez seis palestras sobre “A história do Partido Comunista da Rússia (Bolchevistas)” e Trotsky começou a alimentar um fogo lento com suas Lições de Outubro de 1917. Ambos utilizaram-se da história, não como uma luta contra os outros partidos, mas como uma arma de luta pela sucessão no próprio Partido Comunista. De 1923 até o fim da década de 1930, quando Stalin deu ordem para preparar e ditar o Pequeno Curso, a guerra intrapartido era a principal ocupação da história do partido (WOLFE, 1965, p. 45).

Sob a luz da hegemonia que comandava o Estado, toda a história revolucionária foi escrita e reescrita, com redefinição dos papéis desempenhados nas conjunturas pretéritas e dos méritos das alternativas de desdobramentos do processo revolucionário. Marc Ferro observou como esse estratagema político era encoberto pela pretensão à cientificidade do discurso da história: “Assim como uma história das descobertas técnicas não indicaria os inventores que fracassaram, uma análise da construção do socialismo não poderia mencionar os participantes que a história não aprovou” (FERRO, 1989, p. 20).

Codificada pela lógica do Estado

soviético, essa “ciência da história”, traduzida de forma infalível pelo partido e seus dirigentes, não permitia questionamentos nem visões alternativas. No curso dessa luta política, a visão alternativa mais proeminente foi, sem dúvida, a formulada por Leon Trotsky, matizada por sua peculiar relação com o bolchevismo e com o processo revolucionário.

As obras que Trotsky produziu, de caráter historiográfico ou ensaístico, são instrumentos de luta política. Disputar a escrita da história da revolução era um poderoso instrumento de ação política, dada a própria forma – da qual Trotsky era tributário – de os bolcheviques entenderem a relação entre a agência humana e as forças objetivas da história. Se sua ação política era uma práxis baseada em uma leitura científica da realidade, a escrita da história deveria registrar tal práxis e instrumentalizar a luta política.

Como observou Strada, o autobiografismo e a historiografia adquiriram a condição de necessidade política na obra de Trotsky, por causa de sua tortuosa relação com o bolchevismo. Em 1902, no II Congresso do Partido Operário Socialdemocrata Russo, Georgi Plekhanov o identificava como “discípulo de Lénin”. Em 1903, quando houve a cisão que levou à criação das frações menchevique e bolchevique, motivada por divergências a respeito da concepção de partido, Trotsky posicionou-se com os primeiros. Mesmo tendo se afastado dos mencheviques, com os quais manteve divergências frontais quanto à concepção da estratégia da revolução em duas etapas, somente aderiu ao bolchevismo em 1917. No intervalo, acumulou ásperos debates com Lénin.

Com a doença de Lénin e sua morte, Trotsky precisava ajustar sua biografia à história do partido na disputa efetivada com os velhos bolcheviques, que não poupavam a exploração de dissensões anteriores. Por uma operação engenhosa, os dirigentes bolcheviques criaram, nessa conjuntura, o conceito de leninismo,

divulgado como o marxismo da atualidade.² A participação de Trotsky nos acontecimentos decisivos da Revolução de Outubro começava a ser redimensionada ou obscurecida e o trotskismo, desde meados da década de 1920, começou a ser divulgado como o oposto do leninismo.

Desenvolvendo-se ao longo das décadas de 1920 e 1930, essa luta instrumentaliza a visão do papel de Trotsky na história da revolução. O ápice é atingido na edição do manual intitulado “Pequeno curso da história do Partido Comunista”, que celebra o triunfo de Stalin. Cristaliza-se, então, a imagem que Trotsky deveria assumir na memória dos soviéticos.

Nos acontecimentos fundadores da revolução, onde a memória registrava o protagonismo de Lênin e Trotsky, a revisão introduzia Lênin e Stalin. Com a morte de Lênin, teria cabido a Stalin defender a correta linha do partido contra as supostas sabotagens trotskistas. Com suas teses e suas ações, “o camarada Stalin soube demonstrar que o esmagamento ideológico do trotskismo era condição imprescindível para assegurar o prosseguimento da marcha vitoriosa para o socialismo” (PARTIDO COMUNISTA DA URSS, 1999, p. 275). Enquanto Stalin era retratado como o Lênin dos novos tempos, Trotsky seria o antípoda do fundador e líder máximo do bolchevismo. Nessa historiografia oficial, a única permitida na URSS, a figura de Trotsky assumia contornos de caricatura: seria carreirista, aventureiro, arrogante, vaidoso, despótico, fútil etc.

A história oficial implicava reengenharia de símbolos, com repercussão não apenas nos livros, mas também em toda a iconografia, como se vê no livro “*The commissar vanishes*”, de David King (1997). O título do livro é revelador, tendo em vista que, nos acervos fotográficos,

adaptados à nova hegemonia, dirigentes importantes do início da revolução, principalmente Trotsky, desaparecem da cena. Na verdade, tinham sido removidos. Uma sintaxe mais rigorosa exigiria que o título fosse adaptado para “Removeram o comissário”.

Pode-se acrescentar que, além da legitimação e deslegitimação dos personagens, estava em pauta, também, a perspectiva de construção socialista representada pelas alternativas de liderança. Stalin representou, a partir de meados da década de 1920, a tese da construção do socialismo em um só país e Trotsky perseguiu a tese da revolução internacional, de cuja deflagração dependeria a sorte da URSS.

Por tudo isso, como afirmou Strada,

para Trotsky, tornavam-se de extrema importância a construção de uma autobiografia perfeita e uma interpretação da (também “sua”) Revolução de Outubro como autenticamente socialista, contra a “revolução traída” de Stalin, bem como uma teoria do bolchevismo bom, ao qual ele tinha aderido, contra o bolchevismo mau, posterior ao seu afastamento (STRADA, 1985, p. 146-147).

Alguns intérpretes da interpretação de Trotsky

No levantamento bibliográfico realizado, que contou com os recursos eletrônicos disponíveis, não foram identificados trabalhos exaustivos que abordassem a obra de Trotsky como historiador. Em contrapartida, foram mapeados breves ensaios a respeito dessa dimensão de sua atividade e, invariavelmente, capítulos ou subcapítulos no interior de biografias ou de obras que se debruçam sobre seu pensamento. Particularmente para os biógrafos, suas incursões como historiador são incontornáveis. Não apenas eram uma dimensão

² Tal princípio foi consagrado, em escala mais ampla, no V Congresso da Internacional Comunista (1924). O corolário foi a rejeição de “desvios” como o trotskismo. Em um documento do referido congresso, lê-se: “qualquer desvio do leninismo equivale a um desvio do marxismo. (...) Um desvio particularmente perigoso do leninismo é o trotskismo (...)” (HÁJEK, 1985, p. 212).

densa de sua biografia como também de sua luta política. De forma mais ampla, o mesmo pode ser dito de sua condição de escritor, revelada muito cedo, antes mesmo da aceleração do processo revolucionário na Rússia czarista.

Em sua autobiografia, Trotsky (1978) salienta sua identidade com a arte da escrita e sua relação com a atividade política. Desde 1897, ele diz, vinha travando a luta política com uma caneta na mão. Quando escrevia para o jornal *Iskra* (centelha), adotou o codinome de “pena”. Quando eclodiu a revolução em 1917, já gozava de grande prestígio como jornalista, publicista e mesmo cronista da revolução, dada a repercussão de seu relato sobre a Revolução de 1905.

Contemporâneos de Trotsky o reconheciam como um dos melhores oradores de sua geração, considerado todo o leito do movimento revolucionário russo e o internacional. Anatoly Lunacharsky, nos perfis que desenhou na publicação “*Silhuetas revolucionárias*”, divulgada no início da década de 1920, anos antes de Trotsky atingir o auge de sua produção como escritor e historiador, aproximou, de forma superlativa, as duas faces de sua capacidade de expressão, a falada e a escrita. Para Lunacharsky, haveria uma espécie de relação simbiótica entre o tribuno e o escritor. Seus artigos e livros podiam ser comparados a discursos congelados em outra linguagem. Trotsky era um literato como orador e um orador como literato (LUNACHARSKY, s/d). Essa fórmula, de certa maneira, seria incorporada por vários intérpretes, fossem eles simpatizantes do personagem e de suas ideias ou se situassem em campo oposto.

O reconhecimento da habilidade do escritor pode ser encontrado em intérpretes e biógrafos de matizes diversos. Entretanto, se existe algum consenso a respeito da qualidade literária dos principais trabalhos de Trotsky, as conclusões sobre seus resultados não raro costumam ser pontuadas por divergências, até porque não se trata de um universo intelectual

isento da influência de concepções de mundo contrastantes.

De acordo com os objetivos que movem o presente artigo, interessa analisar de que maneira os autores investigados abordaram a questão da teleologia histórica na obra de Trotsky. Ainda que a maioria deles se ativesse ao livro “*A história da Revolução Russa*”, esse foi um viés bastante recorrente. De forma complementar, também se mostrou recorrente a questão da objetividade na produção do conhecimento histórico. Bem vistas as coisas, as duas questões se entrelaçam, uma vez que a história era escrita por um protagonista da revolução, interessado não apenas em defender a concepção que sustentava quando participou dos fatos, mas também o sentido histórico do processo. O próprio estilo literário, não obstante o reconhecimento de suas eventuais qualidades estéticas, é colocado em pauta, pois estaria a serviço da construção do sentido buscado pelo narrador.

Em ensaio publicado em 1961, o soviétólogo Bertram D. Wolfe, um comunista que mudou de orientação ideológica na época da guerra fria, considera Trotsky um escritor e um *history maker* por vocação. Salienta que uma primeira coisa a perceber sobre Trotsky como historiador é que se trata de um polemista persuasivo, um grande orador e um mestre do estilo literário. Não se mostra, entretanto, admirador dos resultados do trabalho do estilista, que seria repleto de “decorativismo, metáforas e pirotecnia verbal”. Considera que a escrita hábil e eloquente de Trotsky estava a serviço da glorificação da tomada do poder pelos bolcheviques e da defesa de seu papel nesse processo (WOLFE, 1961).

Wolfe sistematizou um balanço do que, em sua avaliação, os historiadores poderiam encontrar no livro “*A história da Revolução Russa*”. Primeiro, uma declaração poderosa e eloquente das doutrinas e dogmas que guiaram Lenin e Trotsky em 1917. Segundo, brilhantes figuras de linguagem e cenas da revolução e de

massas em ação. Terceiro, tão notáveis quanto injustos, unilaterais e caricaturais perfis dos principais atores. Quarto, uma narrativa, sem paralelo na literatura, das estratégias, táticas e movimentos militares que prepararam a enganosa conspiração de outubro, realizada a pretexto de apenas defender a revolução. Quinto, desnuda, direta ou indiretamente, a alma de um dos atores principais da Revolução de Outubro, no momento da consumação de seu ato mais importante. Por fim, assevera que se tratava de uma obra que nenhum historiador poderia negligenciar. Deixa, contudo, uma advertência: a caneta de Trotsky é tão convincente quanto unilateral (WOLFE, 1961).

Em período recente, os historiadores liberais Ian Thatcher (2003) e Robert Service (2009), críticos não apenas da obra de Trotsky como também da Revolução de Outubro, em polêmicas biografias que editaram,³ também abordaram suas incursões na escrita da história. Embora cada qual introduza aspectos novos, até porque escreveram em conjuntura posterior ao fim da URSS, pode-se dizer que, de certa forma, reforçam e atualizam pontos de vista formulados por B. D. Wolfe (1961).

Thatcher (2003) reconhece que Trotsky se mostrava vocacionado a escrever uma história da revolução, pois acumulara um acervo grande de textos para elaborá-la, desde seus escritos sobre 1905 até numerosas tentativas de descrever o que ocorreu em outubro de 1917 durante os anos de luta pelo poder, e reaproveita muito desse material em sua HRR. Também reconhece que a obra constituiu uma espécie de agenda sobre 1917 e que não poderia ser ignorada por quem se dispusesse a estudar a Revolução Russa. Avalia, contudo, que HRR era um trabalho profundamente idiossincrático. Argumenta que o quadro conceitual, baseado na lei do desenvolvimento desigual e combinado, destinava-se a legitimar a própria estratégica de

posição de Trotsky.

A periodização teria sido propositalmente truncada para favorecer uma determinada interpretação. Concentrando-se basicamente em 1917, Trotsky foi capaz de apresentar a ruptura de outubro como uma autêntica insurreição popular. Histórias que olham para além desse ano, mesmo aceitando a tese de que os bolcheviques tiveram apoio popular em 1917, contam como eles traíram essas aspirações populares. Lembra que alguns críticos haviam denunciado a HRR como justificação de um golpe profundamente antidemocrático ou como arte dramática, como teatro, em que os dispositivos literários dariam pouca chance ao leitor senão concordar com um texto teleológico. Sua obra era componente chave de uma campanha política mais ampla para apoiar uma visão particular do bolchevismo. Era um manual de como fazer a revolução.

O historiador britânico Robert Service (2009), ao comentar a atividade de Trotsky como historiador, detém-se, sobretudo, nas duas obras principais: a autobiografia e “A história da Revolução Russa”. Ambas, salienta, foram escritas como se um único resultado fosse possível em 1917. Mais: desautorizaria cada argumento de que a democracia, a sociedade civil ou a tolerância ideológica tivessem algo de positivo para oferecer ao povo russo. Por outro lado, Trotsky entoaria mantras obsoletos sobre Lênin e seu partido como verdades incontestáveis. Vale dizer, não sobre todo o partido. Graças aos recortes seletivos utilizados, segundo a leitura de Service, somente Leon Trotsky e Lenin emergem como heróis. Ele pretendia que a teoria da revolução permanente tivesse sido confirmada inteiramente em 1917.

Uma das mais densas e instigantes interpretações da obra de Trotsky como historiador foi elaborada pelo pesquisador

³ A obra dos dois foi classificada, por autores ligados ao campo de análise fundado por Trotsky, como escola pós-soviética de falsificação histórica (NORTH, 2010).

acadêmico israelense Baruch Knei-Paz. Em seu caudaloso livro *The social and political thought of Leon Trotsky*, escrito no centenário de nascimento do fundador do Exército Vermelho, dedica uma seção para analisar essa dimensão de sua biografia. Esse autor também é responsável por um capítulo do volume V da coleção “História do Marxismo”, organizada por Eric Hobsbawm, a respeito de Trotsky. Embora provocativa, sua contribuição é respeitada por comentadores de diferentes matizes, inclusive por intelectuais trotskistas.⁴

Já no início, Baruch Knei-Paz (2001) aborda a questão da objetividade do historiador, visto que esse era um tema persistentemente destacado, desde o primeiro momento, em relação à obra de Trotsky. Para Baruch Knei-Paz, o fato de Trotsky não esconder suas preferências não detrata sua obra. O problema deveria ser analisado por outro ângulo: a abordagem marxista radical, absoluta e inquestionável teria prejudicado a objetividade do historiador.

Não que ele não considerasse legítimo escrever uma história em termos de interpretação marxista. O problema com a história de Trotsky, diz Knei-Paz, é que ele não procura demonstrar a validade das “leis” marxistas, axiomas ou conceitos. Assume, de forma antecipada e total, que são válidos. Reconhece que há um método nessa abordagem, mas dificilmente ele segue as regras e critérios da objetividade científica. O veredito estaria claramente pré-determinado desde o início e reivindicado para ser inquestionável. Assim, HRR é um estudo teleológico. Sua inferência estaria em acordo com o que Trotsky escrevera no prefácio, onde objetividade é identificada com inevitabilidade. Visto que a finalidade da história é imanente aos próprios eventos, caberia ao historiador apenas revelar as leis naturais do

processo histórico. Trotsky não só revela essas leis; afirma-as.

Knei-Paz propõe que, qualquer que seja a reserva a respeito das pressuposições teóricas não verificadas, é preciso reconhecer que a HRR é um trabalho de grande força e originalidade. Para que suas dimensões possam emergir completamente, o livro deve ser visto à luz de todas as suas características. E aqui Knei-Paz chega à sua inferência mais importante: a característica de a HRR não é a de uma história marxista como tal. Pertence a outro gênero: é um trabalho de arte dramática. Trata-se, acima de tudo, de uma obra literária. Suas qualidades como pura história são, na melhor das hipóteses, de menor importância e suas falhas nesse campo são muito mais notáveis. Como sua força é imaginativa, deve ser apreciada como ficção. Não considera, contudo, essa classificação menor. Como obra de arte dramática, a HRR é um exemplo excelente desse gênero de escrita histórica. Desse ângulo, entende que não se pode negar que a obra captura algo da verdade essencial do ano de 1917.

Em ensaio divulgado em 1985, já contando com certo lastro bibliográfico a respeito, o sociólogo australiano Peter Beilharz interveio no debate acerca da obra de Trotsky como historiador.

Em sua avaliação, o livro “A história da Revolução Russa”, um escrito da maturidade, é uma obra notável sob qualquer ponto de vista. Sua narrativa é excelente. Suas imagens são evocativas ao extremo, fascinando o leitor com os recursos literários. Com o poder de traduzir a intensidade dos eventos, transmite o espírito de 1917. Trotsky era dono de uma técnica magistral. Uma leitura mais profunda revelaria, entretanto, que a narrativa erige, com antecedência, uma estrutura textual dentro da qual o leitor não pode

⁴ É o caso de David North (2010). Ressalve-se que Ernest Mandel (2003), em obra dedicada a analisar o pensamento de Trotsky, faz críticas ao trabalho de Knei-paz. Não se refere especificamente à seção em que o pesquisador israelense focaliza a escrita da história, mas à sua abordagem geral do pensamento de Trotsky.

deixar de concordar com o autor. O discurso exemplificado na HRR é uma linguagem de sedução.

Acusa Trotsky de abusar de analogias físicas, traduzidas em imagens surradas: erupção, nascimento da nova sociedade, ponto de ebulição etc. Por trás das simples imagens literárias, contudo, há a compreensão filosófica. O contexto para o uso das metáforas, no dizer de Beilharz (1985), é a “metafísica chamada dialética”, a qual confundiria vida social e ciência natural, ambas regidas por leis e passíveis de previsibilidade. Assim, com sua linguagem metafórica, Trotsky estabelece uma teleologia pré-determinada, a qual assegura a derrota dos vários inimigos e a inevitável vitória dos bolcheviques. Dessas metáforas, o leitor recebe um símbolo teleológico.

A utilização dessas metáforas naturais e de fundo biológico, como as imagens de morte e nascimento, seria particularmente significativa por permitir a combinação da teleologia da necessidade histórica com a intervenção de especialistas. Os bolcheviques, Lênin e Trotsky na liderança, são os cirurgiões da revolução. Para Trotsky, o processo da revolução estaria escrito na ordem das coisas e só aqueles que sabem cada passo poderiam tomar o controle dos eventos.

Outra imagem provocativa, de acordo com Beilharz, é a da história como teatro. Várias cenas retratam esse recurso (palco, orquestra, teatro etc.), mas ele fica mais evidente nos papéis que a história escreve e os atores, com funções especificamente estabelecidas, interpretam. A despeito da pretensão do objetivismo científico, a apresentação de Trotsky do marxismo seria mítica. Sua historiografia funcionaria como o que Barthes chama de mitologia. O veredito de Beilharz, por fim, é duro: HRR não justifica a aclamação como trabalho de história. Pelo contrário, leitores críticos devem se recusar a ser parte de sua audiência cativa.

Ponto de vista diametralmente oposto foi sistematizado por Isaac Deutscher, na trilogia

biográfica que escreveu sobre Leon Trotsky. Sua contribuição ao debate está concentrada no capítulo “O revolucionário como historiador”, inserido no tomo intitulado “O profeta banido” (DEUTSCHER, 2006).

Em Trotsky, assegura Deutscher, havia tanto a insistência revolucionária de fazer a história quanto o impulso de descrevê-la e entender-lhe o sentido. Ressalta que Trotsky tivera que lutar pela vida, física e moralmente. Antes de seu assassinato físico, seus inimigos haviam tentado assassiná-lo moralmente, apagando seu nome dos anais da revolução e, depois, colocando-o como epônimo da contrarrevolução. Por isso, travou uma dupla batalha: “defendeu a revolução contra seus inimigos e defendeu seu próprio lugar nela” (DEUTSCHER, 2006, p. 255-256). Isso, não obstante, não teria turvado a clareza e a serenidade de seu pensamento. Trotsky, desprezando a imparcialidade do erudito, teria combinado participação extremada com objetividade rigorosa, conseguindo a unidade dos elementos subjetivos e objetivos.

A abordagem que Deutscher oferece de “A história da Revolução Russa” coloca-se no campo de aceitação dos pressupostos teóricos e metodológicos do autor. Pode-se dizer, como regra, que ele os explica em vez de confrontá-los.

No primeiro capítulo de HRR, dotado de profunda perspectiva histórica, Deutscher reconhece, com razão, uma versão, enriquecida e amadurecida, de sua primeira exposição sobre a revolução permanente, datada de 1906. A lei do desenvolvimento combinado explicaria a força das tensões existentes na estrutura social da Rússia. Dedicar-se, em seguida, a interpretar a relação que Trotsky estabeleceu entre as estruturas sociais, a ação das massas e dos chamados protagonistas, investigando, ainda, a forma como o autor articulou a apreensão do real dentro de sua narrativa. Ressalta que Trotsky trata a estrutura social como um elemento relativamente constante, que não explica, em si mesmo, os acontecimentos da revolução. O

comportamento das massas era o elemento variável que havia determinado o fluxo e o refluxo dos acontecimentos, seu ritmo e direção. Didaticamente, explica que a revolução estava madura na estrutura social bem antes de 1917, mas só amadureceu na mente das massas naquele ano. Assim, para Deustcher, a HRR é, em grande parte, um estudo da psicologia da massa revolucionária.

O método do historiador deveria ser o de verificar a verdade de sua imagem da consciência das massas por meio de testes objetivos, seguindo fielmente as evidências internas dos acontecimentos e considerando se o fluxo da consciência das massas era coerente com a dinâmica dos fatos. Trotsky, na conclusão de Deustcher, enfrentava essas questões com o modo marxista, a ação prática como critério final. Ainda sobre a relação entre as determinações estruturais e a ação humana, tal como está exposta em HRR, Deustcher observa que os homens fazem sua própria história de acordo com as leis da história e também pelos atos de sua consciência e vontade.

A relação entre as massas e a vanguarda política seria a outra dimensão. Citando e interpretando uma passagem do prefácio que o próprio autor escreveu para o primeiro tomo de a HRR, Deustcher enfatiza que Trotsky via as massas como a força propulsora da comoção, mas que precisava ser concentrada e dirigida pelo partido de vanguarda. Essa era a chave explicativa para o entendimento da sorte das duas revoluções russas de 1917, a de fevereiro e a de outubro. A primeira havia demonstrado suficiente força para derrubar o czar e criar os soviets, mas se dissipou sem resolver as grandes questões. Já a segunda foi obra dos bolcheviques, que centralizaram e dirigiram a energia das massas (DEUTSCHER, 2005, p.272).

Acerca do estilo, ressalta que Trotsky, tanto na autobiografia quanto em a HRR, teria disciplinado rigidamente o elemento retórico pelas necessidades da narrativa e da

interpretação e que a prosa tinha um ritmo épico (DEUTSCHER, 2005, p. 291).

Grande intelectual das fileiras trotskistas, o historiador Pierre Broué, na biografia que dedicou a Trotsky, aborda sua atividade de historiador em capítulo intitulado “Le travail littéraire”. Não se trata de uma análise exaustiva ou de uma contribuição original. Broué dialoga com alguns dos críticos, como Baruch Knei-Paz e Peter Beilharz, interessado em ratificar a pertinência das opções e conclusões de Trotsky (BROUÉ, 1988).

Broué detém-se nas críticas sistematizadas pelo pesquisador Knei-Paz, especialmente na passagem em que Trotsky é acusado de não procurar estabelecer a validade das leis, axiomas e conceitos e de simplesmente admitir antecipadamente sua validade. Tudo isso, para Knei-Paz, tornaria HRR um estudo teleológico. De acordo com Broué, a acusação é bem injusta. Para Trotsky, a revolução era inevitável, mas sua vitória não estava escrita no “livro do destino”. Além de tentar demonstrar, a partir da análise realizada por Trotsky, que o ponto de vista de Knei-Paz estava errado, afirma que seu objetivo não era profetizar a revolução, mas assegurar sua vitória.

Reconhece que Leon Trotsky faz numerosas alusões às leis da história, que ele qualifica às vezes de naturais e às vezes de racionais. Leis que, para ele, regem ou conformam o processo histórico se desenvolvendo de maneira geral. Entretanto, o exame da maneira como ele as enuncia em a HRR torna possível apreender se ele as toma apenas como postulados, como defende Knei-Paz, ou como conclusões que nunca se esquece de comprovar, como pensava ele, Broué. Para tanto, analisa passagens da lei do desenvolvimento desigual e combinado. Conclui que, a menos que se exigisse do autor um manual metodológico, parecia difícil sustentar - diante do texto, de suas comprovações e exemplos tomados da história russa - que se tratava da afirmação de postulados. Para alongar seus

argumentos, focaliza a forma como Trotsky aborda a dualidade de poderes, quando estabelece paralelos entre diferentes processos revolucionários. Trotsky investiga os fatos por meio de exemplos e anuncia as “leis” que ele deduz. Portanto, considera absurdo o veredito de Baruch Knei-Paz a respeito da natureza da obra de Trotsky, segundo o qual se trataria de arte dramática (BROUÉ, 1988).

Em 2007, na época da nova edição brasileira do livro “A história da Revolução Russa”, o professor Alvaro Bianchi, um dos mais importantes pesquisadores do trotskismo no Brasil, editou breve, mas densa resenha da citada obra. Forneceu, a partir de seu campo de visão, importante interpretação da atividade de Trotsky como historiador.

Bianchi estima que a obra é exemplar da mais valiosa contribuição de Trotsky à teoria marxista, interessado em esclarecer as leis do próprio desenvolvimento histórico. Cita a famosa definição de Trotsky: “a história da revolução é para nós, principalmente, a irrupção violenta das massas nos domínios onde se pautam seus próprios destinos”. Ressalta que a arquitetura da obra o afasta do determinismo econômico. O leitor depara com o tempo multifacetado, com as várias dimensões da sociedade russa. Ao ordenar os capítulos, parte dos níveis mais abstratos aos mais concretos. Nos primeiros, destaca a relação das forças objetivas, a estrutura, a materialidade das classes sociais; nos demais, aborda as relações das forças políticas, o encontro das estruturas com os atores políticos e os indivíduos.

Não há análise das conjunturas econômicas. Evita deduzir os acontecimentos políticos das crises econômicas, método tão característico do marxismo vulgar. Valoriza o lugar da vontade humana, das classes sociais e das forças partidárias. Descarta o automatismo e enfatiza a centralidade da política. Infere que a

consciência não se produz de forma autônoma: é determinada pelas condições gerais da existência. Para Bianchi, a concepção antideterminista e antidogmática e a rejeição do automatismo economicista de Trotsky⁵ mostram todo vigor em “A história da Revolução Russa”.

Trotsky: o historiador e os sentidos da história

O talento de Trotsky na escrita da história ganhou sua primeira tradução expressiva nas obras que produziu sobre a Revolução de 1905, da qual também foi protagonista. Vice-presidente e presidente do soviete de São Petersburgo, tornou-se personagem emblemático do processo, adquirindo projeção e prestígio internacionais. Sua celebridade como agente revolucionário foi ampliada pelas reflexões e registros que produziu sobre os acontecimentos, perpetuados nos livros “A Revolução de 1905” e “Balanços e perspectivas”. O primeiro é uma narrativa densa dos acontecimentos revolucionários, pontuada por interessantes incursões interpretativas, enquanto o segundo é um ensaio sobre o significado do processo e seu devir.

Como o centro de gravidade do presente estudo é a Revolução de Outubro de 1917, não é o caso de fazer análise esmiuçada de cada uma dessas obras, mas de investigar de que modo Trotsky extraiu, de acontecimentos recentes, a teoria que moveria sua práxis a partir de então e influenciaria seu próprio olhar de historiador sobre a revolução que viria.

No livro “A Revolução de 1905”, Trotsky, além da narrativa dos acontecimentos, dedica-se a fazer uma análise estrutural da Rússia para identificar as contradições de seu desenvolvimento e as tendências do processo revolucionário. Procura, também, cotejar os acontecimentos com as tendências de desenvolvimento internacional do capitalismo e

⁵ Conforme Perry Anderson, ao contrário da maioria dos teóricos de sua geração, Trotsky não chegou a produzir qualquer trabalho importante na área econômica (1989, p. 139)

com o aprendizado das revoluções europeias anteriores, especialmente com a de 1848. Suas ideias principais estão sintetizadas no curto subcapítulo “A natureza da Revolução Russa”. A grande guinada na elaboração estratégica pode ser vista na seguinte passagem:

No que diz respeito às suas tarefas diretas e indiretas, a revolução russa é uma revolução “burguesa” porque se propõe libertar a sociedade burguesa das correntes e grilhões do absolutismo e da propriedade feudal. Mas a principal força condutora da revolução russa é a classe operária e por isso é uma revolução proletária no que diz respeito ao seu método (TROTSKY, s/d, p.66).

No livro “Balanços e perspectivas”, escrito na mesma época, alarga sua compreensão do processo da revolução. Dialogando com as emblemáticas revoluções europeias do período anterior, considera um grave erro equiparar a Revolução Russa com os acontecimentos de 1789-93 e 1848. Para Trotsky, desde meados do século XIX, só a tática independente do proletariado e sua capacidade de destacar-se das demais forças para lutar por sua situação de classe podem garantir a vitória da revolução.

A grande novidade anunciada por Trotsky, escrita de forma explícita e sem metáforas, verdadeira guinada de 180 graus em relação à orientação da social-democracia russa, é a conclusão de que “o proletariado de um país economicamente atrasado pode chegar ao poder antes do proletariado de um país avançado do ponto de vista capitalista” (TROTSKY, 2010, p. 72). A ideia de que a ditadura do proletariado depende automaticamente do nível de desenvolvimento das forças produtivas seria um extremado economicismo que nada teria em comum com o marxismo.

Não desconhece as limitações do patamar de desenvolvimento das forças produtivas, mas elabora sua teoria na percepção da necessária articulação da revolução nacional com o plano internacional. Em resumo, segundo Trotsky, em países de desenvolvimento

capitalista retardatário, como era o caso da Rússia, por causa do desenvolvimento desigual e combinado, interagem estruturas e forças resultantes de duas eras históricas diferentes, mas ligadas no tempo: a da revolução agrário-burguesa e a da revolução industrial socialista. Nesses países, o próprio sucesso da revolução democrático-burguesa está condicionado à sua imediata transformação em revolução socialista, tornando-se revolução permanente. O caráter permanente da revolução ligava-se, ainda, à impossibilidade de ser realizada nos marcos nacionais. Impossibilidade vista em sentido absoluto, era mais dramática ainda na Rússia, em razão de seu atraso.

Pelo distanciamento histórico e conhecimento dos desdobramentos do processo revolucionário na Rússia e da trajetória de seu autor, não é possível analisar esses textos em si mesmos, desvinculados de suas articulações com os fatos posteriores e com os escritos que Trotsky viria produzir em conjunturas futuras.

De forma estritamente especulativa, poder-se-ia imaginar qual seria o destino dessas intervenções sem a ocorrência da Revolução de Outubro de 1917. O primeiro livro poderia ser visto como uma crônica dos acontecimentos de 1905, algo comparável aos relatos sobre a Comuna de Paris, e o segundo tenderia a ser considerado um voo especulativo sem maiores consequências. Tal abstração, no entanto, seria excessivamente ociosa. A relação desses textos com a obra posterior de Trotsky e com sua luta política em outubro de 1917 e nas conjunturas futuras é algo saliente demais para ser ignorado ou menosprezado.

Os dois livros sobre 1905 tinham uma dimensão teleológica prospectiva, na medida em que, com base em uma análise de um fato pretérito, realizada no calor da hora, identificavam características, extraíam conclusões e projetavam tendências. Isso está mais claro em “Balanços e perspectivas”, escrito exatamente com a finalidade descrita em seu título. Embora inseparável do primeiro termo do

binômio, o acento teleológico fica no segundo. Diferente é a situação da bibliografia produzida por Trotsky depois da Revolução de Outubro de 1917, que procura construir um fio de continuidade com as projeções feitas desde aquele período. Nesse caso, identifica-se uma espécie de teleologia retrospectiva, destinada a ligar os fatos recentes a perspectivas apontadas no passado.

Após a Revolução de Fevereiro de 1917, Trotsky se aproximou e se integrou ao bolchevismo, quando este foi renovado pelas Teses de Abril e passou a preconizar a revolução socialista na Rússia. Os adeptos de Trotsky iriam, doravante, interpretar que a Revolução de Outubro de 1917 teria ocorrido pela fusão da teoria do partido de vanguarda, formulada por Lenin, à qual Trotsky então aderiu, com a teoria da revolução permanente. Teria havido uma convergência de interpretação, pois o livro “Balanços e perspectivas”, em que Trotsky apresentava os fundamentos de sua concepção revolucionária, tivera pouca circulação. Conforme Deustcher, Lenin não o conhecia em 1917.

Na verdade, a primeira obra importante de Trotsky sobre a Revolução de Outubro foi uma crônica dos acontecimentos que ele elaborou no início de 1918. No Brasil, uma de suas edições recebeu o título de “Como fizemos a revolução”. Edição recente foi intitulada “A Revolução de Outubro”.

Tratava-se, deliberadamente, de obra de propaganda, destinada a divulgar a vitória da revolução, visando à sua irradiação, e a defendê-la de seus detratores. O texto foi elaborado no momento em que Trotsky representava, na condição de Comissário do Povo para Negócios Estrangeiros, o governo bolchevique nas negociações pelo fim da guerra com a Alemanha, nos episódios que entraram para a história como a “Paz de Brest-Litovski”. O governo bolchevique dava, então, seus primeiros passos. Seus adversários sequer apostavam em sua sobrevivência

Como Trotsky (1978) esclarece em sua autobiografia, foi um trabalho de memória sobre um fato recente, produzido em condições extraordinárias. Por isso, ele nem mesmo redigiu no sentido literal da palavra; ditou-o. O texto não tem a densidade teórica do ensaio “Balanços e perspectivas” nem a riqueza de recursos literários e interpretativos que viriam a ser apresentados em a HRR. Devem ser considerados os seus objetivos e as condições de produção. Não significa, porém, que fosse uma crônica convencional dos acontecimentos. Demarca territórios simbólicos e estratégicos. Eis, por exemplo, uma definição do perfil e do destino dos mencheviques:

Estes haviam passado pela escola do marxismo e adotado certos métodos e costumes que lhes permitiam orientar-se relativamente bem na situação política de falsear “cientificamente” o sentido da luta de classes e assegurar – em medida compatível com as circunstâncias atuais – a hegemonia da burguesia liberal. Essa também foi a razão porque os mencheviques – esses defensores sinceros do direito da burguesia ao poder – se desgastaram tão rapidamente e, no momento da Revolução de Outubro, chegaram à beira da extinção (TROTSKY, 2007A, p. 64).

Depreende-se que os bolcheviques detinham a chave explicativa dos acontecimentos, em sintonia com a radicalização das massas: “o que caracteriza todas as revoluções é que a consciência das massas evolui muito rapidamente: novas camadas sociais adquirem experiência, examinam suas opiniões da véspera, rejeitam-nas em prol das outras, descartam os velhos dirigentes e escolhem novos, seguem em frente”(TROTSKY, 2007A, p. 49). Em HRR, de forma mais elaborada, iria usar a metáfora das massas como o vapor e a direção revolucionária como as caldeiras que o canalizam. Trotsky não omite as tensões internas do partido bolchevique, mas não aprofunda a descrição das divergências nem acusa personagens frontalmente, como viria a fazer em

futuro próximo.

Embora esse livro tivesse circulado abertamente como material de propaganda nos tempos de Lênin, foi para o index de leituras proibidas em conjuntura próxima, quando seu autor perdeu os postos de poder (TROTSKY, 1978, p. 312).

Seja como for, enquanto ainda detinha poder de Estado e antes mesmo de legar textos densos sobre o significado da Revolução de Outubro de 1917, Trotsky revisitou seus escritos sobre a Revolução de 1905.

Em 1922, ainda chefe do Exército Vermelho, Trotsky escreveu a passagem citada abaixo para o prefácio da reedição do livro sobre a Revolução de 1905:

Foi precisamente durante o período compreendido entre 9 de janeiro e a greve geral de outubro de 1905 que se formaram as ideias do autor sobre a natureza do desenvolvimento revolucionário da Rússia e denominadas, em seguida, teoria da revolução permanente. Esse nome complicado exprimia o pensamento de que a revolução russa, em face das tarefas burguesas imediatas, não poderia deter-se nelas. A revolução só alcançaria os seus objetivos imediatos se levasse o proletariado ao poder (...). Apesar da interrupção de doze anos, essa previsão foi inteiramente confirmada (TROTSKY, 2010, p. 265).

Em 1919, no prefácio a uma nova edição de “Balanços e perspectivas”, oferece um resumo das teses que defendia havia mais de uma década, formuladas no livro que prefaciava e reeditava:

O ponto de vista adotado então pelo autor pode ser formulado da seguinte maneira esquemática: correspondentemente às suas tarefas mais próximas, a revolução começa como burguesa, mas rapidamente provoca poderosos conflitos de classe e só chega à vitória se transferir o poder à única classe capaz de se colocar à frente das massas oprimidas: o proletariado. Uma vez no poder, o proletariado não quer nem pode se

limitar ao marco de um programa democrático-burguês. A revolução só poderá ser levada a cabo se a revolução russa se converter em uma revolução do proletariado europeu. Então, será superado o programa democrático-burguês da revolução, junto com seu marco nacional, e a dominação política temporária da classe operária russa irá se prolongar até uma ditadura socialista permanente. (...) O proletariado, então, chegando ao poder, não deve se limitar ao marco da democracia burguesa, mas deve empregar a tática da revolução permanente, isto é, anular os limites entre o programa mínimo e o programa máximo da social-democracia, passar para reformas sociais cada vez mais profundas e buscar um apoio direto e imediato para a revolução na Europa Ocidental. Essa posição é desenvolvida e discutida neste trabalho, escrito em 1904 - 1906 e reeditado agora (TROTSKY, 2010, p. 29-30).

Em 1923, ocorreu o processo que ficou conhecido, nos anais da revolução, como “debate literário”. Tratava-se, na verdade, de um eufemismo para as polêmicas sobre a natureza do bolchevismo, inseridas na conjuntura em que Lênin se encontrava debilitado e ocorria velada corrida por sua sucessão. Nessa fase, Zinoviev e Kamenev, os dois dirigentes bolcheviques mais ilustres da conjuntura anterior a outubro de 1917, superados apenas por Lenin, aliaram-se a Stalin e compuseram um triunvirato no Bureau Político com a finalidade de isolar Trotsky. Foi então que Zinoviev realizou suas palestras sobre a história do bolchevismo e Trotsky elaborou “Lições de Outubro”.

Trata-se de um ensaio interpretativo sobre a Revolução de Outubro. Destinado a servir de introdução à reedição das obras do autor, alimentou as polêmicas em curso. Constitui, não obstante, importante documento acerca da evolução da interpretação de Trotsky. Seus temas e suas linhas gerais de análise, com linguagem mais sofisticada e mais distanciamento narrativo, poderiam ser identificados, por exemplo, em a HRR.

Tendo como suporte a experiência russa ocorrida entre fevereiro de 1917 e fevereiro de 1918, afirma que é possível erigir em lei a inevitabilidade de uma crise no partido, provocada pelo trabalho de preparação revolucionária e luta direta pelo poder (TROTSKY, 2007B, p. 27). Emergem tanto “viragens táticas quanto estratégicas”. Infere que o Outubro russo foi, por um lado, uma lição às correntes não-bolcheviques, pseudomarxistas. Por outro, esquadrinhando os dilemas vividos pelo partido bolchevique, também extrai dos fatos revolucionários uma crítica às alas internas e aos dirigentes que estiveram em dissensão com Lênin em conjunturas decisivas de 1917.

O alvo principal de Trotsky é a dupla Zinoviev e Kamenev, dirigentes que eram vistos, na ausência de Lênin, como candidatos naturais à liderança. Nesse momento, Stalin, o terceiro membro do triunvirato, ainda não era visto como aspirante ao topo, exceto por si mesmo e, sintomaticamente, por Lênin, como revela a carta que ficou conhecida como seu testamento.

Se o livro “Balanços e perspectivas”, do qual são extraídos os fundamentos para a teoria da revolução permanente, fornece a chave para o enquadramento geral da interpretação de Trotsky sobre a Revolução Russa, o livro “Lições de Outubro” adiciona outros elementos decisivos.

Primeiro, procura converter em lei as fases decisivas dos acontecimentos. As revoluções tenderiam a ter seu “fevereiro”, suas “jornadas de julho” (radicalização precipitada), a reação korniloviana (contrarrevolução) e seu “outubro”. Segundo, se a força dos acontecimentos fazia com que a história varresse para o lixo os “oportunistas”, como ocorrera com os mencheviques, o partido forjado para a

revolução não estaria imune a esse fenômeno, como comprovaria a enérgica luta de Lênin, desde abril, para que os bolcheviques não se desviassem do caminho revolucionário. Terceiro, para interpretar corretamente a Revolução Russa em processo, o mais importante era verificar como se comportaram as forças na hora decisiva. Quarto, a despeito de dissensões anteriores, Trotsky aderiu ao bolchevismo na hora decisiva e mostrou que estava à altura do protagonismo exigido pelos acontecimentos. Quinto, procura mostrar que, ao contrário do que acontecia com a velha guarda bolchevique, havia convergência de interpretação e de movimentos entre Lênin e ele. Sexto, aceita Lênin, o real ou aquele que lhe convém, como árbitro das polêmicas. Na luta política que então ocorria, Trotsky tentava demonstrar que, assim como ocorrera em 1917, a velha guarda bolchevique não estava à altura dos desafios que a construção socialista apresentava.

Nesse período, Trotsky anunciava sua divergência com o prolongamento da Nova Política Econômica (NEP), baseada na convivência do mercado com a estrutura estatal de propriedade e de produção,⁶ e advogava a necessidade da planificação, da industrialização e da coletivização do campo. Tais políticas deveriam ser combinadas com a estratégia da internacionalização da revolução e com a democratização do partido. Já naquele momento, identificava a tendência de burocratização do regime. Na disputa imediata, saiu perdedor, fragilizado pelo resgate das antigas divergências e pela acusação de tentar promover a divisão do partido. Em virtude das características de seu programa e de seus objetivos, tal dissensão restou conhecida como

⁶ Em 1921, com o final da guerra civil, o governo bolchevique adotou a Nova Política Econômica (NEP), introduzindo mecanismos de mercado em convivência e de forma subordinada ao setor estatal. Vista inicialmente como medida de emergência para recuperar a economia destruída por duas guerras, a mundial (1914 a 1918) e a civil (deflagrada como reação à Revolução de Outubro), a NEP foi objeto de polêmicas entre os dirigentes bolcheviques. Para além de sua capacidade de recuperar a economia nos padrões existentes antes da revolução, havia a indagação a respeito de sua compatibilidade com o objetivo de transformação socialista.

“oposição de esquerda”.

Em meados da década, o triunvirato se desfez. Stalin promoveu um deslocamento nas forças do Bureau Político, aliando-se a Bukharin e isolando Zinoviev e Kamenev. Bukharin tornou-se célebre, nesse período, por teorizar a possibilidade de promover uma transição ao socialismo por dentro da economia mista propiciada pela NEP (COHEN, 1990). Também começava a grassar, na alta direção do Estado, a teoria do “socialismo em um só país”, que defendia a possibilidade de a URSS construir o socialismo de maneira autônoma, com seus próprios recursos, mesmo sem a ocorrência da revolução internacional.

Após uma fase de silêncio provocado pelo desgaste do chamado “debate literário”, Trotsky renovou seu ardor de polemista diante do temor de que a perspectiva de Bukharin fosse a estrada que levaria à reação termodoriana. A extensão da NEP, no caso, favoreceria ao fortalecimento do setor privado e ao restabelecimento do capitalismo. Outra heresia seria a teoria do “socialismo em um só país”. Desta vez, Trotsky obteve o apoio de Kamenev, Zinoviev e outros antigos bolcheviques que se encontravam descontentes com os rumos da revolução. Novamente, foram derrotados. Por causa da adesão dos dirigentes históricos, a dissensão foi chamada de “oposição unificada”.

A partir de 1928, Stalin rompeu com Bukharin e, diante dos impasses da condução da NEP, avalizou uma grande guinada na orientação do partido, promovendo uma política de industrialização concentrada e a coletivização do campo. Conduzida contra a vontade dos camponeses, tal reviravolta foi realizada com a utilização da força e do terror político. No intervalo aproximado de uma década, esse processo promoveu a transição para uma economia totalmente estatizada, no campo e na cidade.

No curso desses acontecimentos, Trotsky foi destituído de suas funções no Estado

soviético e, em 1927, foi expulso do partido. Em 1928, foi deportado para Alma Ata, no Cazaquistão. Em 1929, foi exilado na Turquia.

Antes mesmo de ser deportado, Trotsky encaminhou uma carta ao Instituto Histórico do Partido, que viria a ser divulgada no livro “A revolução desfigurada”, em que defendia suas posições. Esse documento é importante tanto pelo que Trotsky diz quanto pelo mapa de questões que dispõe, relativas às disputas em curso na URSS.

Já na apresentação, Trotsky alega que vinha sendo vítima de inúmeras falsificações históricas, destinadas a adulterar ou apagar os vestígios de sua participação na Revolução de Outubro. Consagrada pelas autoridades, essa falsificação era introduzida até nos manuais escolares. Talvez as páginas mais decisivas desse documento sejam aquelas em que Trotsky interpreta a maneira pela qual seus adversários construíram o conceito de trotskismo. Segundo ele, esse “espantalho” só começou a ser agitado quando Lenin se retirou da cena política, em 1923. De resto, sua teoria da revolução permanente, combatida como heresia, teria sido confirmada pela transposição da revolução burguesa em proletária. Nessa nova etapa decisiva da revolução, “o que se chama ‘trotskismo’ depois de 1923 e sobretudo depois de 1924 é a aplicação correta do marxismo à fase nova da Revolução de Outubro e do nosso partido” (TROTSKY, 2007C, p. 101). Termina seu documento esgrimindo contra Bukharin, teórico do desvio pequeno-burguês do partido, e contra Stalin, acusado de ser responsável pelo fracasso da expansão internacional da revolução.

Trotsky produziu sua autobiografia quando já estava exilado. Segundo suas palavras, escreveu-a para se defender e atacar. Desterrado da URSS, também vinha sendo banido da história que se escrevia sobre a revolução, como revelam os combates realizados pelos documentos agrupados no livro “A revolução desfigurada”. Denuncia, principalmente, a operação que vinha sendo realizada para pintá-lo

como antípoda de Lênin, cujo objetivo era não apenas construir um sentido adulterado para o passado, mas deslegitimar as opções que se colocavam para o futuro da URSS. Procura refutar a opinião, divulgada pela direção do Estado soviético após a doença de Lênin, de que a teoria da revolução permanente era o avesso do leninismo.

Como escreve após a derrota da oposição de esquerda e da oposição unificada, reflete sobre as razões de a alternativa que representava não ter vingado e sobre o significado da vitória da facção liderada por Stalin. Alvo de persistentes intrigas partidárias, sugere que a calúnia só poderia ser uma força quando correspondia a uma necessidade histórica. Inspirado na cronologia da Revolução Francesa, considera as articulações que seus adversários fizeram para excluí-lo da liderança como manifestações do “termidor soviético”. Relaciona, enfim, a emergência da burocracia a fatores mais amplos. Referindo-se à morte de Lenin e aos impasses da revolução mundial, diz: “Os acontecimentos do país e do mundo eram favoráveis aos meus adversários.” Naquele contexto, houve erosão nas fileiras bolcheviques: “Fez-se a seleção artificial não dos melhores, mas dos mais oportunistas. Assim se substituíram independentes e capazes por mediocridades. A expressão mais perfeita daquela mediocridade geral era Stalin, que subia.” (TROTSKY, 1978, p.416).

Estabelecendo que a “era de Lênin” se separava da atual por um abismo ideológico e uma completa mudança na organização, analisa que o fato de Stalin ascender à liderança devia-se menos ao seu talento do que à decadência política vivida. Citando Helvetius, diz: “Cada época tem seus grandes homens e se não os tem... inventa-os”. E conceitua: “O stalinismo é sobretudo a ação automática de um aparelho administrativo impessoal durante a fase de declínio da revolução” (TROTSKY, 1978, p.420). Vale dizer, é a manifestação do que considera ser a emergência do termidor: “É a

reação depois da grande tensão social e psicológica dos primeiros anos da revolução. A contrarrevolução vitoriosa pode ter os seus grandes homens. Mas, no primeiro grau, Termidor tem necessidade das mediocridades que não veem a um palmo do nariz” (TROTSKY, 1978, p.425).

Quando Trotsky foi banido da URSS, o termidor significava, para ele, a extensão da economia mista. Entretanto, justamente no período em que elaborava sua autobiografia, ocorre o início da grande virada staliniana, marcada pela ruptura com a NEP e pela promoção da industrialização concentrada e da coletivização forçada no campo. O impacto dessa guinada sobre a elaboração de Trotsky ganhou tintas definitivas nos anos seguintes, especialmente em sua obra “A revolução traída”, divulgada na segunda metade da década de 1930. Antes, porém, ele escreveria “A história da Revolução Russa”, publicada na esteira de sua autobiografia.

Igualmente escrita no exílio da ilha de Prinkipo, “A história da Revolução Russa” está dividida em três partes. No primeiro volume, destaca-se o fato de Trotsky afirmar que não se colocaria na situação de um observador que acompanha, à distância e de fora, a cidadela em perigo. Não pretendia, portanto, ser apenas um observador distante. Como protagonista dos fatos, situava-se dentro da cidadela. Sabe-se que já havia, então, várias correntes de interpretação da Revolução Russa. Foi na introdução aos dois últimos volumes, aliás, que apontou diretamente esse problema:

Não ocultaremos que (...) não se trata, para nós, apenas do passado. Assim como os adversários, ao atacarem a pessoa, se esforçam por atingir o programa, também a luta por um determinado programa obriga a pessoa a se recolocar no seu lugar real no meio dos acontecimentos. (...) Todavia, tomamos as medidas necessárias para que as questões “pessoais” não ocupem neste livro maior lugar que aquele a que tem direito de pretender (TROTSKY, 1980, p.419).

De qualquer modo, Trotsky, já na apresentação ao primeiro volume, salienta que seu trabalho não seria escrito apenas como lembranças pessoais. Mesmo dispensando o recurso a notas de rodapé e a indicação detalhada de suas referências, Trotsky recorre ao uso sistemático de fontes, cita a si mesmo na terceira pessoa e, embora repelisse a ideia de neutralidade (era dentro da cidadela que ele se colocava), reivindica a objetividade possível a um historiador. Esclarece:

Ainda uma questão – a da posição política do autor que, em sua qualidade de historiador, se mantém nos pontos de vista que eram os seus como militante nos acontecimentos. O leitor, no entanto, não está obrigado a participar da opinião política do autor, posição que não tem motivo algum para dissimular. Tem o leitor, porém, o direito de exigir que um trabalho histórico não constitua a apologia de uma posição política, mas sim uma exposição profundamente fundamentada do verdadeiro processo da revolução. Um trabalho histórico só alcança plenamente a sua finalidade quando os acontecimentos se desenrolam página por página, naturalmente, e na medida em que são necessários (TROTSKY, 1980, p.18).

Na apresentação aos dois últimos volumes, aprofunda a questão:

As provas da objetividade científica devem ser procuradas não nos olhos do historiador, nem nas inflexões de sua voz, mas na lógica íntima da própria narrativa, se os episódios, os testemunhos, os dados e as citações coincidirem com as indicações gerais da agulha imantada da análise social, terá o leitor a mais séria das garantias da solidez científica das conclusões. De modo mais concreto: o autor mantém-se exatamente fiel à objetividade nos limites em que o presente trabalho revela, efetivamente, a inelutabilidade da insurreição de Outubro, e as causas de sua vitória (TROTSKY, 1980, p. 415).

A objetividade da narrativa, como se vê,

seria indissociável da capacidade de o historiador desvelar a trama histórica em que a revolução foi gestada na complexa realidade da Rússia. A objetividade do historiador é diretamente proporcional à sua capacidade de demonstrar como, nas condições objetivas, a revolução emerge inelutavelmente.

Recusa explicações fortuitas que análises economicistas forneciam. A gestação inelutável da revolução é vista a partir do complexo trinômio massas-vanguarda política-crise estrutural. O sujeito revolucionário por excelência são as massas, cuja consciência, segundo Trotsky, não se produz de forma autônoma nem independente. Resulta, pelo contrário, das condições gerais de existência. Dessa premissa extrai a relação com a vanguarda: “é somente através do estudo do processo político nas massas que se pode compreender o papel dos partidos e dos líderes que não temos a menor intenção de ignorar” (TROTSKY, 1980, p.16-7).

O papel dirigente dos partidos era muito importante, mas não era um elemento autônomo. Precisava, acima de tudo, ser dimensionado: “Sem organização dirigente, a energia das massas se volatilizaria como o vapor não encerrado em caldeiras com bombas de pistão. O movimento, entretanto, não provém nem da caldeira nem do pistão, porém, ao contrário, do vapor” (TROTSKY, 1980, p. 16-7). Subordinando tanto a ação coletiva das massas quanto a condição dirigente dos partidos às contradições estruturais mais profundas, conclui: “são necessárias circunstâncias absolutamente excepcionais, independentes da vontade individual ou dos partidos, para libertar os descontentes dos estorvos do espírito conservador e levar as massas à insurreição” (TROTSKY, 1980, p. 16). Daí decorre o protagonismo dos bolcheviques, que souberam interpretar como a realidade produzira “aquele poderoso vapor insurrecional” e canalizá-lo para que a revolução fosse levada às últimas consequências.

Se parecia enigmático que a Rússia fosse a pioneira na conquista do poder pelo proletariado, era necessário analisar as particularidades do país. E essa foi a tarefa a que Trotsky se dedicou já no início de sua história da revolução. Além de seus excepcionais dotes intelectuais, também tinha uma posição teórica a defender. Daí a necessidade de retomar, na história da revolução, premissas teóricas que havia ensaiado no livro que dedicou à Revolução de 1905 e em “Balanços e perspectivas”. Esmiuçando os diferentes ritmos de desenvolvimento presentes na estrutura social russa, em que formas arcaicas conviviam com a modernidade capitalista, Trotsky inferiu conclusões sobre a instabilidade das instituições e a conduta das classes sociais no processo.

Em linhas gerais, não é difícil perceber que a teoria que subsidia a explicação e o desfecho do processo é coerente com os prognósticos que Trotsky desenvolvera em “Balanços e perspectivas”, a partir das lições da Revolução de 1905. Trotsky descreve cada fase da revolução, procurando demonstrar como a Revolução de Fevereiro se transformou na Revolução de Outubro, orientado pelas premissas da teoria da revolução permanente.

Trotsky acentua como o movimento de massas, inicialmente espontâneo, impulsionou o curso dos acontecimentos, colocando-se, quase sempre, à frente dos partidos políticos. A liderança que os bolcheviques vieram a exercer não foi automática, mas fruto de um difícil aprendizado na compacta conjuntura revolucionária. Com base na imagem do vapor e dos mecanismos que o canalizavam, cabe demonstrar como Trotsky matiza a relação desses acontecimentos com a vanguarda que conduziu a revolução, os bolcheviques.

De certa forma, as demais correntes são condenadas por tentarem reproduzir, na Rússia revolucionária, as etapas vivenciadas pelos países desenvolvidos, visto que se mantiveram fiéis ao princípio de que a revolução russa era essencialmente burguesa, destinada a

impulsionar o capitalismo. A transição que o bolchevismo promoveu da ideia das duas etapas da revolução para o objetivo de transformar a revolução burguesa em revolução operária é descrita com riqueza de detalhes.

Trotsky retoma o espírito de suas “Lições de Outubro”, esgrimindo contra as correntes então hegemônicas do Estado soviético. Com uma diferença substantiva: na época das “Lições de Outubro”, a disputa pela nova hegemonia estava em curso e ele dedica mais atenção à liderança de Zinoviev e Kamenev. Quando o livro HRR veio a lume, Stalin consolidara sua hegemonia sobre o partido e sobre o Estado e comandava uma história da revolução que fosse compatível com a liderança que representava. Por isso mesmo, o papel de Stalin, ignorado na obra de 1923, é analisado agora. Trotsky insurge-se contra a tendência, verificada na história oficial soviética, de menosprezar o alcance da crise que o bolchevismo vivera em abril de 1917, qualificada como “desvio passageiro e quase acidental”. Para ele, havia um conflito entre duas linhas inconciliáveis.

A teoria da revolução permanente, que subsidia a interpretação de Trotsky sobre os acontecimentos de 1917, encontra sua base de sustentação na transformação do Fevereiro em Outubro russo, ou seja, na transformação da revolução burguesa em revolução proletária. Como o livro se detém na conquista do poder pela vanguarda do proletariado, o terceiro elemento da teoria está apenas implícito na narrativa principal: a revolução internacional. Essa, para Trotsky, era condição *sine qua non* para o sucesso da revolução proletária em um país atrasado. Já movido pelas disputas acaloradas que eram travadas no momento em que escrevia sua história da revolução, incorporou, como apêndice ao livro, ensaios críticos sobre a tese do “socialismo em um só país”. As consequências da política de Stalin, entretanto, seriam analisadas detidamente em outra obra, “A revolução traída”.

Concluído em agosto de 1936 e divulgado em 1937, o livro “A revolução traída” fornece a definitiva análise de Trotsky sobre a natureza do regime que se construiu, sob a liderança de Stalin, na URSS. O livro foi divulgado quando as transformações que marcaram a virada staliana - planificação, industrialização e coletivização - tinham se efetivado. No discurso soviético oficial, a experiência concreta teria confirmado que era possível, contrariamente aos prognósticos de Trotsky, construir o socialismo na URSS, independentemente da não propagação da revolução internacional. Nesse momento, Stalin consagrara a nova constituição para a URSS, saudada como “a mais democrática do mundo”, e ocorria, por intermédio dos processos de Moscou, a eliminação da velha guarda bolchevique. Além disso, cristalizava-se, pela ótica do vencedor das disputas internas, a história do partido comunista, que bania ou anatematizava a memória de Trotsky e de suas ideias.

Em contraposição à ideia do socialismo triunfante, elaborada sob a liderança de Stalin, Trotsky definiu o regime erigido na URSS como Estado operário (burocraticamente) degenerado. Haveria uma descontinuidade entre o período de Lênin e o comandado por Stálin. Trotsky reconhecia o caráter revolucionário da modernização econômica e compreendia que na infraestrutura, em que havia a propriedade coletiva dos meios de produção, o regime era socialista. No nível superestrutural, porém, havia uma contradição. A burocracia estatal organizara-se como grupo dominante e opressivo e instrumentalizava a gestão das estruturas coletivas para seus privilégios.

Trotsky procurou refutar eventuais analogias que pudessem ser identificadas entre o programa que o Estado soviético adotara no final da década de 1920 e a plataforma das oposições que liderara. Para ele, o historiador da URSS deveria atentar para a série de vaivéns que caracterizaram a política da burocracia vitoriosa.

Esta, em vez de prever os acontecimentos, reagiu por meio de reflexos administrativos, “criando *a posteriori* a teoria das suas reviravoltas, sem se inquietar com o que ensinara na véspera” (TROTSKY, 2005, p. 105). Refere-se ao fato de a cúpula política soviética ter abraçado, em um primeiro momento, a plataforma de defesa da extensão da economia mista como forma de derrotar a oposição de esquerda, desqualificando seus apelos em favor da industrialização e do avanço do planejamento econômico, e, no final da década, ter adotado aspectos de seu programa.

Justifica a ascensão da burocracia, cujos interesses Stalin representava, pela maré vazante da revolução internacional, para a qual o Estado soviético contribuiu com sua política do “socialismo em um só país”. A isso se somava a política interna ziguezagueante, que afirmava os interesses dessa burocracia. Recorrendo mais uma vez à metáfora do termidor, aponta que Stalin era uma liderança talhada para cumprir as exigências dessa época:

Seria ingenuidade pensar que Stalin, desconhecido das massas, tivesse saído de repente dos bastidores armado com um plano estratégico completo - não. Antes que ele próprio tivesse entrevisto o seu caminho, a burocracia já o tinha escolhido. Stalin apresentava-lhe todas as garantias desejáveis: o prestígio de um velho bolchevique, um caráter firme, uma visão estreita e uma indissolúvel ligação com as repartições públicas, fonte única da sua influência pessoal. Ele foi, no início, surpreendido pelo seu próprio êxito. Era a unânime aprovação de uma nova camada dirigente que procurava libertar-se tanto dos velhos princípios como do controle das massas e que tinha necessidade de um árbitro seguro nos seus assuntos internos. Figura de segundo plano para as massas e para a revolução, Stalin revelou-se o chefe incontestado da burocracia termidoriana, o primeiro dos termidorianos (TROTSKY, 2005, p. 110).

Trotsky se considerava herdeiro da melhor tradição do partido bolchevique, aquela

que não vacilou diante dos desafios da tomada do poder em outubro de 1917. Por isso,

a burocracia não venceu unicamente a Oposição de Esquerda, venceu igualmente o partido bolchevique, venceu o programa de Lênin, que apontava como perigo principal a transformação dos órgãos do Estado “de servidores da sociedade em senhores da sociedade”. A burocracia venceu todos os seus adversários - a oposição, o partido de Lênin - não com a ajuda de argumentos e de ideias, mas esmagando-os sob o seu próprio peso social. O traseiro de chumbo da burocracia mostrou-se mais pesado que a cabeça da revolução. Esta é a explicação do Termidor soviético (TROTSKY, 2005, p. 111).

Para explicar a descontinuidade entre o período de Lênin e de Stalin, acentua que a vitória da burocracia teria como causa a degenerescência do Partido Bolchevique, da qual a liderança seria o emblema. O monolitismo que alicerçaria o poder stalinista era, em sua opinião, um mito da decadência. Na conjuntura em que escreve, declara que o “velho partido bolchevique está morto, nenhuma força o poderá ressuscitar” (2005, p. 115).

Não hesita em associar o regime staliniano ao fenômeno do totalitarismo: “A hierarquia dos secretários domina tudo e todos. O regime adquirira um caráter totalitário alguns anos antes que o termo nos viesse da Alemanha” (TROTSKY, 2005, p. 115). Sua análise deriva para a caracterização do regime staliniano como uma modalidade de bonapartismo: “O stalinismo é uma variedade, mas sobre as bases do Estado operário, dilacerado pelo antagonismo entre a burocracia soviética organizada e armada e as massas laboriosas e desarmadas” (TROTSKY, 2005, p.244).

Se, na década de 1920, Trotsky associava a emergência do termidor com o fortalecimento do setor privado e o entrelaçamento de seus interesses com a burocracia partidária e do Estado, agora, com o fim da virada staliniana, que estatizou a propriedade no campo e na cidade, redimensiona o seu conceito:

“Definimos o Termidor soviético como a vitória da burocracia sobre as massas” (TROTSKY, 2005, p. 118).

O regime soviético precisava ser entendido em sua peculiaridade e em sua complexidade. Trotsky não aceita a tese de que a burocracia soviética constituísse uma nova classe social. Havia, de certa forma, uma contradição entre o sistema de propriedade e de produção e as estruturas políticas. Referindo-se à nacionalização dos meios de produção, teoriza: “estas relações estabelecidas pela revolução proletária definem aos nossos olhos a U.R.S.S. como um estado operário” (TROTSKY, 2005, p. 223). As mudanças foram promovidas, contudo, sem a democracia soviética e sacrificando a perspectiva internacionalista. Em resumo, tudo isso conforma a teoria trotskiana que explicava o regime staliniano como um Estado Operário Degenerado.

A contradição com a superestrutura política, caracterizada pelo poder da burocracia estatal que se organizara como grupo dominante e opressivo e instrumentalizava a gestão das estruturas coletivas para seus privilégios, não se resolveria por reformas internas do sistema. O poder da burocracia só poderia ser quebrado por uma revolução política. Mais: a sorte da própria revolução política, preconizada então, estava associada à revolução internacional.

Considerações finais

A análise foi conduzida com objetivo de demonstrar que existia uma unidade fundamental nos escritos que Trotsky elaborou sobre o processo revolucionário na Rússia. Cobrindo um período de três décadas, tais incursões na escrita da história iniciam-se na conjuntura da Revolução de 1905, passam pelas revoluções de 1917 e chegam até o final da década de 1930, quando o governo soviético, comandado por Stalin, declara realizado o socialismo na URSS.

Não obstante a diversidade de

conjunturas e de fenômenos abordados, Trotsky se utilizou de sua teoria da revolução permanente, que começara a elaborar no curso da primeira revolução, em 1905, e que ganhou contornos maduros em conjunturas posteriores. Vários analistas, especialmente aqueles que não se colocam como simpatizantes de seu campo de ideias, ressaltam a dimensão teleológica de sua análise como historiador. A referência principal é a interpretação perpetrada em sua obra maior, “A história da Revolução Russa”.

Tanto quanto foi possível ver, comentários de Trotsky, espalhados na referida obra e em outros títulos, não contrariam a hipótese de que seu olhar fosse teleológico. Em a HRR, salienta que a pertinência de sua análise não residia na interpretação *a posteriori* dos fatos, mas na compreensão que tivera do processo desde o início, ou seja, antes de 1905. De resto, afirmações dessa natureza são abundantes em seus escritos.

Pode-se dizer, sem cometer exagero, que extraía dessa premissa sua autoridade intelectual e política, que seriam inseparáveis. Um exemplo pode ser verificado na forma persistente como criticava as supostas limitações intelectuais e teóricas de seus adversários, Stalin em primeiro lugar. Trotsky salienta que eles se caracterizariam pela estreiteza de horizontes e pelo fato de não enxergarem um palmo diante do nariz. Isso teria ocorrido, por exemplo, logo após a Revolução de Fevereiro, quando eles teriam levado o bolchevismo à fronteira do menchevismo. Da mesma forma, essa suposta estreiteza de horizontes teria sido repetida no processo de coletivização do campo e planificação da economia, projetos que seriam necessários, mas teriam sido conduzidos de forma errada, com ziguezagues e falta de planejamento e perspectiva.

Em contrapartida, quando aponta que previu, em suas linhas gerais, os acontecimentos de 1917 mais de uma década antes, Trotsky infere que essa seria uma prova irrefutável de que viria aplicando corretamente a teoria marxista.

Daí adviria, portanto, a cientificidade de sua análise.

Em um período em que o marxismo era elaborado no contexto da luta de classes e com objetivo de fazer a revolução, não é surpreendente que um intelectual da estatura de Trotsky advogue, de forma tão contundente, a correção da teoria que elaborou. Era essa, afinal, a orientação de sua práxis. A questão principal, sobretudo porque o objeto de análise aqui são suas incursões no terreno da escrita da história, é a pertinência dessa pressuposição para o desenvolvimento do trabalho do historiador.

Devem ser consideradas, em coerência com os apontamentos sistematizados ao longo deste estudo, algumas circunstâncias. Primeira, quando Trotsky escreveu seus trabalhos principais, não havia uma historiografia consolidada sobre a Revolução Russa. Segunda, a noção de historiografia marxista estava em formação e era, até então, também inseparável do universo da práxis. Terceira, ele não era um historiador convencional, visto que se tratava de um revolucionário escrevendo sobre processos de que fora protagonista. Mesmo assim, pelo menos em “A história da Revolução Russa”, reivindicou o estatuto de cientificidade para seus escritos.

Sua noção de ciência, porém, referia-se mais à capacidade de interpretar o sentido do processo do que aos métodos convencionais do historiador. Alguns dos mais críticos analistas de sua obra, entre os quais podem ser citados Wolfe e Service, afirmam que sua interpretação era deliberadamente construída para imprimir um sentido unívoco ao processo, como se só houvesse um desenlace para a crise vivida pela Rússia entre fevereiro e outubro de 1917, a revolução bolchevique. O objetivo de Trotsky era legitimar a vitória dos bolcheviques e deslegitimar quaisquer alternativas históricas que pudessem existir.

Trotsky, como se poderia esperar de um historiador do tempo presente e de um

revolucionário escrevendo sobre a história, não camufla suas opções e o lugar de onde interpreta o processo. Pelo contrário, afirma, literalmente, que seu objetivo é revelar a inelutabilidade da insurreição de Outubro e as causas de sua vitória. Dada a forma como entendia a dialética da história, científica era a compreensão que desvelava o sentido imanente ao processo, o que os bolcheviques fizeram no campo de batalha e ele agora fazia como historiador.

Cada qual a seu modo, analistas que se colocam no seu campo de ideias, como Deutscher, Broué e Bianchi, assumem sua noção de cientificidade. Broué, por exemplo, aceita as abundantes analogias históricas como demonstração das leis históricas que Trotsky sistematiza. Deutscher, entre outras coisas, explica e legitima a relação entre a crise das estruturas sociais, a ação das massas e o papel da vanguarda revolucionária, tal como apresentada na obra de Trotsky. Bianchi ressalta o caráter antidogmático da concepção de Trotsky, exemplificado por sua recusa de extrair os fatos políticos da crise econômica. Não refuta, no entanto, o sentido de imanência que haveria nas leis do desenvolvimento histórico.

Não se pode exigir de Trotsky procedimentos que ele recusou, como os praticados pelos historiadores acadêmicos. Isso vale não apenas para compreender a ausência das notas de rodapé e indicações bibliográficas, mas também a forma como ele imprimia sentido ao processo. Sua compreensão era prévia e teria sido confirmado pelos fatos que levaram à vitória dos bolcheviques.

Mesmo antes de escrever a HRR, Trotsky entendia que a Insurreição de Outubro havia confirmado o prognóstico que elaborara com base na chamada teoria da “revolução permanente”, tal como vinha se desenvolvendo nos textos que produziu logo após a Revolução de 1905. Era previsível que esse fosse o fio condutor da narrativa agora. Não bastasse outro motivo, havia ainda a necessidade de disputar a memória da revolução com o novo comando da

URSS e de defender, como disse Deutscher, seu lugar na história e sua perspectiva do processo histórico.

Entretanto, se a Insurreição de Outubro de 1917 confirmara seus prognósticos, o desenvolvimento do processo seguiu caminhos dissonantes após a morte de Lênin e ascensão da nova liderança. Obcecado pelas analogias com a grande Revolução Francesa, Trotsky, primeiramente, identificou o perigo da reação termidoriana na NEP. Com a grande guinada na política de Stalin e a adoção da coletivização forçada e da planificação, a reação do termidor foi identificada no processo de burocratização do partido, já denunciado desde a primeira metade da década de 1920, que ganhava tradução avançada no contexto da economia estatizada da década de 1930.

A revolução permanente, parcialmente realizada com a ruptura de Outubro de 1917, teria sido traída pela burocracia governante. Daí a ruptura com a perspectiva de reformar o regime e defender a revolução política, estratégia sistematizada e justificada no livro “A revolução traída”.

Conquanto a tese de Trotsky possa gerar debates, controvérsias e refutações, não se pode negar que detinha uma arquitetura geral coerente. Legou, não obstante as motivações políticas do autor, uma interpretação instigante sobre um fenômeno novo, servindo de referência aos debates - que se multiplicaram ao longo dos anos e ainda não cessaram - sobre a natureza do regime erigido pela Revolução de Outubro.

O pesquisador Knei-paz, seguido por outros autores, comparou “A história da Revolução Russa”, a magna obra de Trotsky, a uma peça literária e a desautorizou como uma obra historiográfica no sentido que esse termo tem entre os especialistas. Certamente, tal comparação estava em desacordo com os intelectuais situados no campo de ideias de Trotsky ou mesmo entre marxistas de outros

matizes, afeitos ao sentido da história como ciência. Nos tempos atuais, essa distinção entre história e literatura perdeu a força, embora ainda tenha respeitáveis adeptos. Knei-paz, salvo melhor juízo, não procurou diminuir a força da narrativa nem lhe negar o estatuto de ser capaz de resgatar e interpretar fatos e processos históricos. Para ele, estabelecido o gênero a que pertence, trata-se de uma narrativa verdadeira, dotada de características e objetivos próprios.

Os debates e polêmicas sobre a obra de Trotsky não lhe tiram a grandeza e a força intelectual. Seus livros persistem como exemplo de incursão de um grande protagonista na escrita da história, tanto estendendo para o campo historiográfico as batalhas travadas em passado recente quanto preparando novas batalhas no campo da luta política. Em um ponto os analistas estão de acordo: trata-se de uma grande obra, produzida por um escritor bastante talentoso

Referências

- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BEILHARZ, Peter. Trotsky as historian. *History Workshop*. 20(1): 36. 1985.
- BIANCHI, Álvaro. *História da Revolução russa: Trotsky historiador*. 2007, http://www.pstu.org.br/teoria_materia.asp?id=6455&ida=29
- BROUÉ, Pierre. *Trotsky*. Paris: Fayard, 1988.
- COHEN, Stephen. *Bukharin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- FERNANDES, Luis. *O enigma do socialismo real: um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HÁJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunistas. In HOBSBAWM, Eric. (org). *História do marxismo*. v. 6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 197-218.
- HOBSBAWM, Eric. Podemos escrever a história da Revolução Russa? In *Sobre a história*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- KING, David. *The commissar vanishes: the falsification of photographs and art in Stalin's Russia*. New York: Metropolitan books, 1997.
- KNEI-PAZ. Baruch. *The social and political thought of Leon Trotsky*. Oxford: Clarendon press, 2001.
- _____. Trotsky: revolução permanente e a revolução do atraso. In HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo*. V. 5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LUNACHARSKY, Anatoly. *Revolutionary silhouettes*.s/d. www.marxistes.org
- MANDEL, Ernest. *La pensée politique de Léon Trotsky*. Paris: La découverte, 2003.
- NORTH, David. *In defense of Leon Trotsky*. Oak Park: Mehring books, 2010.
- PARTIDO COMUNISTA DA URSS. *História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS*. Recife: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 1999.
- SALVADORI, Massimo. A crítica marxista ao stalinismo. In HOBSBAWM, Eric. *História do marxismo*. V. 7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 285-337.
- SEGRILLO, Ângelo. Historiografia da revolução russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*. PUC-SP. n. 41, 2010, p. 63-92.
- SERVICE, Robert. *Trotsky: a biography*. London: Macmillan, 2009.
- STRADA, Vittorio. Lênin e Trotsky. In HOBSBAWM, Eric (org.) *História do marxismo* V.5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- TATCHER, Ian. D. *Trotsky*. London: Routledge, 2003.
- TROTSKY, Leon. *A Revolução de 1905*. São Paulo: Global, s/d.
- _____. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *A história da Revolução Russa*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- _____. *A revolução traída*. São Paulo: Sundermann, 2005.
- _____. *A Revolução de Outubro*. São Paulo: Boitempo, 2007A.
- _____. *Lições de Outubro*. São Paulo: Sunderman, 2007B.
- _____. *A revolução desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007C.
- _____. Balanços e perspectivas. In TROTSKY, Leon. *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Sundermann, 2010.

WOLFE, Bertram David. Leon Trotsky as historian. *Slavic Review*. Vol 20, n. 3 (oct., 1961), pp. 495-502.

_____. História do Partido de Lenine a Krushev. In
KEEP, John e BRISBY, Liliana (org). *História contemporânea na concepção soviética*. Rio de Janeiro: Record, 1965